

Faizel, Parca em

CAPÍTULO I

Sobre a divisão do trabalho

O crescente desenvolvimento da produtividade do trabalho, e o aumento do engenho, destreza e discernimento ao qual está ligado, parece ter sido provocado pela divisão do trabalho.

Os efeitos da divisão do trabalho na atividade geral da sociedade serão mais facilmente compreendidos se considerarmos a maneira como esta se efetua em algumas indústrias particulares. É geralmente suposto que a divisão do trabalho é mais desenvolvida nas atividades menos importantes; porém, isto não quer dizer que nas indústrias de maior envergadura não seja maior a divisão do trabalho. Acontece apenas que, nas fábricas rudimentares destinadas a prover às necessidades de um pequeno número de pessoas, a quantidade de trabalhadores é necessariamente muito diminuta e todos os que são empregados em cada um dos ramos de produção podem trabalhar num mesmo edifício e podem ser colocados à vista do observador. Pelo contrário, nas grandes fábricas destinadas a abastecer as necessidades de um maior número de pessoas, cada ramo de produção envolve um número de trabalhadores tão elevado que é impossível mantê-los a trabalhar numa única instalação. O observador poderá raramente ver, ao mesmo tempo, mais do que os empregados de um só ramo. Mesmo que, nas indústrias de maiores proporções, o trabalho possa estar dividido num número de partes muito maior, esta divisão é sempre menos óbvia, e tem, por isso, sido menos observada.

Para dar um exemplo, poderemos citar uma indústria muito débil mas cuja divisão do trabalho tem sido muito notada: a fabricação de alfinetes. Um trabalhador que não esteja habituado a esta indústria (que a divisão do trabalho transformou numa atividade específica), ou às máquinas nela usadas (para cuja invenção contribuiu provavelmente essa mesma divisão do trabalho), dificilmente poderá, dada a sua falta de conhecimentos, fazer um alfinete num dia, e certamente não conseguirá fazer vinte. Mas devido à maneira como atualmente esta atividade está organizada, não só constitui um tipo de produção com características muito específicas como ainda se apresenta dividido num certo número de ramos de atividade, grande parte dos quais se assemelham a indústrias distintas. Um homem transporta o fio metálico, outro endireita-o, um terceiro corta-o, um quarto aguça a extremidade, um quinto prepara a extremidade superior para receber a cabeça; para fazer a cabeça são precisas duas ou três operações distintas; colocá-la constitui também uma tarefa específica, branquear o alfinete, outra;

colocar os alfinetes sobre o papel de embalagem é também uma tarefa independente. O importante trabalho do fabrico de alfinetes está portanto dividido em cerca de dezoito operações distintas que, em algumas fábricas, são efetuadas por diferentes operários, se bem que noutras o mesmo operário possa realizar duas ou três delas. Tive ocasião de ver uma pequena fábrica deste tipo, em que só estavam empregados dez homens, e onde alguns deles, conseqüentemente, realizavam duas ou três operações diferentes. Mas, apesar de serem muito pobres, e possuindo apenas a maquinaria estritamente necessária, conseguiam, quando se esforçavam, fabricar cerca de doze libras de alfinetes por dia. Cada libra corresponde a mais de quatro mil alfinetes de tamanho médio. Essas dez pessoas, portanto, conseguiam produzir mais de quarenta e oito mil alfinetes por dia. Se dividirmos esse trabalho pelo número de trabalhadores, poderemos considerar que cada um deles produz quatro mil e oitocentos alfinetes por dia; mas se trabalhassem separadamente uns dos outros, e sem terem sido educados para este ramo particular de produção, não conseguiriam produzir vinte alfinetes, nem talvez mesmo um único alfinete por dia; isto significa que produziriam duzentas e quarenta vezes menos ou quatro mil e oitocentas vezes menos do que efetivamente fazem, devido a uma boa divisão e combinação das diferentes operações.

Em qualquer outra indústria, os efeitos da divisão do trabalho são semelhantes aos que pudemos observar no exemplo acima; e isto apesar de, em muitas delas, não ser possível subdividir o trabalho ou reduzi-lo a operações tão simples. A divisão do trabalho que pode ser efetuada em cada caso origina porém, em todas as indústrias, um aumento proporcional da produtividade. A separação entre os diferentes ramos industriais e as tarefas necessárias em cada um deles parece ter surgido como conseqüência deste processo. Por outro lado, tal separação é, normalmente, mais acentuada nos países onde a indústria está mais desenvolvida; aquilo que constitui o trabalho de um único homem num estado primitivo da sociedade passa a ser efetuado por diversos homens numa sociedade mais evoluída. Nesta, o lavrador é apenas lavrador, e o industrial apenas industrial. Além disso, o trabalho indispensável para fabricar completamente qualquer produto está quase sempre dividido por um grande número de operários. Quantas operações diferentes de produção não existem no processo de transformação do linho e da lã, desde os agricultores ou os pastores até aos branqueadores e penteadores, ou ainda aos tintureiros e alfaiates! A natureza da agricultura não admite tantas subdivisões de trabalho nem uma tão acentuada divisão entre os diferentes ramos da produção como a que se verifica na indústria. Não é possível separar com tanta nitidez o trabalho do criador de gado do do cultivador de cereais como o do ferreiro e o do carpinteiro. A fiação raramente é executada pelo tecelão; mas é normalmente o mesmo homem que lava a terra que a trabalha com a grade, que a semeia e que mais tarde faz a colheita. Como as ocasiões em que cada um desses tipos de trabalho deve ser realizado dependem das estações do ano, é impossível que um único homem esteja constantemente empregado num deles. Esta impossibilidade de realizar uma completa separação dos diferentes ramos de trabalho usados na agricultura é talvez a causa de o aumento da sua produtividade

Melhor sair do solo?

não ser tão grande como é na indústria. Com efeito, as nações ricas estão normalmente mais avançadas do que as outras no campo da agricultura, tal como no da indústria; mas a sua superioridade é menos evidente naquele caso do que neste. As suas terras são em geral melhor cultivadas, e, dado que nelas se investe mais trabalho e capital, consegue-se maior produção proporcionalmente à área e à fertilidade natural do solo.

Mas este aumento de produção é normalmente apenas proporcional à maior quantidade de trabalho e capital investidos. Na agricultura, o trabalho das nações ricas nem sempre é mais produtivo do que o das nações pobres; ou, pelo menos, nunca é muito mais produtivo, como o é na indústria. O cereal dos países ricos, portanto, nem sempre chegará ao mercado, tendo uma igual qualidade, mais barato do que o dos países pobres. O cereal da Polónia é tão barato como o da França, sendo igual em qualidade; e isto apesar da maior riqueza e desenvolvimento desta última nação. Nas províncias em que são produzidos os cereais franceses, estes são tão bons e, em muitos anos, tão baratos como os ingleses, se bem que, em riqueza e desenvolvimento, a França seja talvez um pouco inferior à Inglaterra. Os terrenos ingleses de cultivo de cereais, porém, são melhor cultivados do que os franceses, e os deste país são melhor cultivados do que os da Polónia. Porém, se é verdade que o país pobre pode em certa medida, apesar da inferioridade do seu cultivo, rivalizar com o rico no preço e na qualidade dos seus cereais, já não o pode fazer no campo industrial; e principalmente se essas indústrias dependem do tipo de solo, clima e situação geográfica das nações ricas. As sedas francesas são melhores e mais baratas do que as inglesas porque a fabricação de seda, além de suportar os pesados encargos da sua importação em bruto, não se adapta tão facilmente ao clima da Inglaterra como ao da França. Mas a ferragens e as lãs grossas produzidas na Inglaterra são, sem qualquer dúvida, superiores às francesas, e muito mais baratas em relação à qualidade. Supõe-se que, na Polónia, a indústria está pouco desenvolvida, tendo no entanto que existir uma indústria artesanal sem a qual nenhuma nação pode subsistir convenientemente.

Este considerável aumento de produção que, devido à divisão do trabalho, o mesmo número de pessoas é capaz de realizar, é resultante de três circunstâncias diferentes: primeiro, ao aumento da destreza de cada trabalhador; segundo, à economia de tempo, que antes era perdido ao passar de uma operação para outra; terceiro, à invenção de um grande número de máquinas que facilitam o trabalho e reduzem o tempo indispensável para o realizar, permitindo a um só homem fazer o trabalho de muitos.

Em primeiro lugar, o desenvolvimento da destreza dos trabalhadores aumenta, infalivelmente, a quantidade de trabalho que eles podem realizar; e a divisão do mesmo, reduzindo a intervenção de cada um a uma simples operação e transformando esta última no seu único trabalho durante toda a vida, aumenta também necessariamente a destreza dos trabalhadores. Um ferreiro, por muito destro que seja em utilizar o martelo, mas desde que não esteja habituado a fazer pregos, se numa dada ocasião se vir forçado a tentá-lo, certamente não conseguirá produzir mais de duzentos ou trezentos pregos por dia, e estes de má qualidade; mas

um ferreiro que já esteja habituado a realizar esse trabalho, mesmo que a sua ocupação principal não seja essa, já poderá fazer oitocentos ou mesmo mil pregos por dia. Já tive ocasião de ver diversos rapazes com menos de vinte anos de idade que nunca tinham feito qualquer trabalho além de produzir pregos e que, quando se esforçavam, conseguiam fazer mais de dois mil e trezentos pregos por dia. O fabrico de um prego, porém, não é de forma alguma uma das tarefas mais simples. A mesma pessoa aciona o fole, agita ou corrige o fogo se tal for necessário, aquece o ferro e forja todas as partes do prego; para forjar a cabeça é ainda obrigada a mudar de ferramentas. As diferentes operações em que o fabrico de um prego, ou de um botão metálico, se subdivide são muito mais simples do que a totalidade das operações, e por conseguinte é muito maior a destreza do operário que durante toda a sua vida tenha tido sempre a mesma função. A rapidez com que algumas das operações dessas indústrias são efetuadas excede aquilo que se pode imaginar e que nunca tinha sido visto sobre a destreza do trabalho humano.

Em segundo lugar, a vantagem que decorre do melhor aproveitamento do tempo que normalmente se perderia ao passar de um tipo de trabalho para outro é muito maior do que à primeira vista se poderia imaginar. É impossível passar rapidamente de uma tarefa para outra que se efetue num lugar diferente e com ferramentas diferentes. Um tecelão rural, que cultive uma pequena quinta, perde forçosamente muito tempo ao passar do seu tear para o campo, e deste para o tear. Quando as duas tarefas podem ser efetuadas no mesmo local, a perda de tempo é sem dúvida muito menor. No entanto, é, mesmo assim, consideravelmente grande. Qualquer pessoa se dispersa um pouco ao passar de uma tarefa para outra. Quando inicia o novo trabalho é normalmente pouco hábil e vigoroso; até se habituar à nova tarefa, desperdiça o tempo em vez de o aplicar corretamente. A falta de atenção e a indolência no trabalho, que são natural ou necessariamente adquiridas por qualquer trabalhador rural obrigado a mudar de tarefa e de ferramentas de meia em meia hora, e aplicar o seu trabalho manual de vinte maneiras diferentes em quase todos os dias da sua vida, tornam-no quase sempre preguiçoso e incapaz de uma vigorosa aplicação ao trabalho, mesmo nas ocasiões de maior necessidade. Apesar de independente de sua deficiência do ponto de vista de destreza, esta causa, por si só, reduz sempre consideravelmente a quantidade de trabalho que ele é capaz de realizar.

Em terceiro lugar, e por último, não é difícil verificar que o trabalho é facilitado e reduzido quando se usa uma maquinaria adaptada à tarefa que se realiza; é desnecessário dar exemplos. Farei apenas notar que a invenção de todas as máquinas que tanto facilitam e diminuem o trabalho parece ter sido devida originalmente à divisão deste. Os homens têm uma maior tendência para descobrir métodos mais simples e rápidos de atingir um objetivo quando toda a sua atenção se concentra nele, do que quando se encontra dispersa por uma grande variedade de elementos. Como consequência da divisão do trabalho, a atenção dos trabalhadores tende naturalmente a dirigir-se para um único objetivo. É então natural esperar que algum ou alguns dos que se empregam em determinada tarefa acabem por encontrar métodos mais fáceis e simples de realizá-la, desde que a natureza

desta admita e
fábricas em qu
das pelos pró
simples, dirig
simplificar e fa
cas deve ter v
pelos trabalh
fas. As primei
fechavam alter
o pistão subia
companheiros.
portinhola que
vula podia ab
brincar com o
vapor, desde q
brincar com o
trabalho.

Porém, ne
ram ocasião d
pelo engenho d
numa forma p
homens de esp
em observar ta
combinar as
de, a Filosofia
a principal mo
outro trabalho
lares, cada um
fos, e esta sub
des, aument
indivíduo torna
tidade de traba
condas e aument

É a grande
originada pelo
possibilidade
que trabalha
aquele de que
doras está na
sua própria pr
proprio de uma
trabalhador tem
sua vida de op
uma alternativa

desta admita esta simplificação. Uma grande parte das máquinas utilizadas nas fábricas em que o trabalho está muito subdividido foram originariamente inventadas pelos próprios trabalhadores que, tendo sido empregados em tarefas muito simples, dirigiram naturalmente os seus pensamentos para a tentativa de as simplificar e facilitar ainda mais. Qualquer pessoa habituada a visitar essas fábricas deve ter visto freqüentemente máquinas bastante interessantes inventadas pelos trabalhadores com o objetivo de facilitar e tornar mais rápidas as suas tarefas. As primeiras máquinas a vapor eram vigiadas por rapazes que abriam e fechavam alternadamente a comunicação entre a caldeira e o cilindro, conforme o pistão subia ou descia. Um desses rapazes, que gostava de brincar com os seus companheiros, verificou que, atando um cordel desde a extremidade da válvula à portinhola que estabelecia a comunicação com a outra parte da máquina, a válvula podia abrir-se e fechar-se sem a sua intervenção; isso deixava-o livre para brincar com os seus amigos. Um dos mais importantes progressos da máquina a vapor, desde que foi inventada, ficou portanto a dever-se a um rapaz que queria brincar com os seus companheiros e para consegui-lo necessitava reduzir o seu trabalho.

Porém, nem todo o desenvolvimento da maquinaria se deve àqueles que tiveram ocasião de trabalhar com máquinas. Muitas modificações foram realizadas pelo engenho dos fabricantes de máquinas, ao transformarem a produção destas numa forma particular de negócio; e algumas outras pelos chamados filósofos ou homens de especulação filosófica, cuja atividade consiste não em fazer, mas sim em observar tudo o que os rodeia, e que, portanto, são muitas vezes capazes de combinar as potencialidades dos objetos mais díspares. No progresso da sociedade, a Filosofia ou a especulação filosófica torna-se, como qualquer outra tarefa, a principal ou única ocupação de um tipo particular de cidadãos. Como qualquer outro trabalho, está também subdividido num grande número de tarefas particulares, cada uma das quais é atribuída a um grupo ou classe particular de filósofos; e esta subdivisão do trabalho na filosofia, como acontece nas outras atividades, aumenta a destreza destes homens e permite economizar tempo. Cada indivíduo torna-se mais sabedor na sua tarefa particular, produzindo maior quantidade de trabalho, e as ciências e as artes são assim consideravelmente aperfeiçoadas e aumentadas.

É a grande multiplicação das produções das diferentes atividades humanas, originada pela divisão do trabalho, que cria, numa sociedade bem governada, a possibilidade de estender o bem-estar até às camadas mais baixas do povo. Qualquer trabalhador pode dispor de uma quantidade do seu trabalho maior do que aquela de que efetivamente tem necessidade; e, como todos os outros trabalhadores estão nas mesmas condições, pode assim trocar uma grande quantidade da sua própria produção por igual quantidade dos outros ou, o que é o mesmo, pelo preço de uma grande quantidade de mercadorias produzidas por outros. Cada trabalhador fornece às outras pessoas aquilo de que elas necessitam e estas pagam-lhe do mesmo modo. Difunde-se assim em todas as camadas da sociedade uma abundância geral.

mas isto a parte do propósito de q se um trabalhador
produz mais, ele colhe os frutos desse aumento de produção?

Se se observar o vestuário do mais simples artífice ou operário de uma nação civilizada e desenvolvida, verificar-se-á que o número de pessoas empregues nas indústrias que de algum modo contribuíram, por pouco que fosse, para que ele desfrute desse vestuário excede qualquer cálculo. Uma capa, ou um casaco de lã, por exemplo, que cobre um pobre operário, por muito grosseira que possa parecer, é o produto do trabalho de um grande número de homens. É necessário que o pastor, o tosquiador, o cardador, o tintureiro, o lavrador, o fiandeiro, o tecelão, o pisoeiro, o alfaiate e muitos outros contribuam com o seu trabalho para realizar estes produtos simples. Quantos mercadores e carregadores não terão sido necessários para transportar os materiais de alguns desses trabalhadores, para outros, que por vezes vivem em povoações bastante afastadas umas das outras! Quantos construtores de navios, marinheiros, fabricantes de velas e de cabos não terão contribuído para fornecer ao tintureiro as drogas que, muitas vezes, vêm das mais remotas regiões do globo! Que grande variedade de tipos de trabalho é necessária para produzir os instrumentos que irão ser usados por cada um desses trabalhadores; sem falar das máquinas mais complicadas, como, por exemplo, o navio, a máquina de bater do pisoeiro ou mesmo o tear, recordemos apenas as várias tarefas necessárias para produzir uma ferramenta simples como a tesoura do tosquiador! Para produzir estas tesouras é necessário que o mineiro, o construtor do forno para fundir o minério, o vendedor de lenha, o carvoeiro, o fornecedor de areia de fundição, o que a molda, o operário que toma conta do forno, o mestre da forja, o operário que bate o ferro e o ferreiro unam os seus esforços. Se formos examinar do mesmo modo as diferentes peças do vestuário e da mobília da casa dum trabalhador, a camisa de linho, os sapatos que lhe cobrem os pés, a cama onde dorme e as várias peças que compõem o local onde prepara os seus rústicos alimentos, o carvão que usa com este objetivo, extraído das entranhas da terra e que talvez só tenha chegado às suas mãos depois de uma longa viagem marítima e de um extenso caminho percorrido por terra, todos os outros utensílios de cozinha, tudo o que cobre a sua mesa, as facas e os garfos, os pratos de barro ou de estanho nos quais serve a sua comida, as diversas mãos que prepararam o seu pão e a sua cerveja, a janela de vidro que deixa entrar o calor e a luz e que o protege do vento e da chuva, feita com todo o engenho e arte que tornaram possível essa bela e feliz invenção sem a qual seria impossível construir habitações confortáveis nas regiões nórdicas, e os vários instrumentos usados na produção de todas essas coisas; se examinarmos, dizia, todos esses objetos, e pensarmos na grande variedade de trabalho utilizado no fabrico de todos eles, veremos que, sem o esforço e a cooperação de milhares de pessoas, o homem mais insignificante de um país civilizado não poderia ser abastecido com aquilo de que necessita mesmo que a sua vida se resuma à simplicidade que, aliás falsamente, se lhe atribui. Quando comparados ao excessivo luxo dos grandes, a sua casa e o seu vestuário parecem efetivamente muito simples; mas talvez a ostentação de um príncipe europeu não exceda tanto a de um camponês trabalhador e frugal, como a deste excede a de muitos reis africanos, senhores absolutos da vida e da liberdade de milhares de selvagens nus.